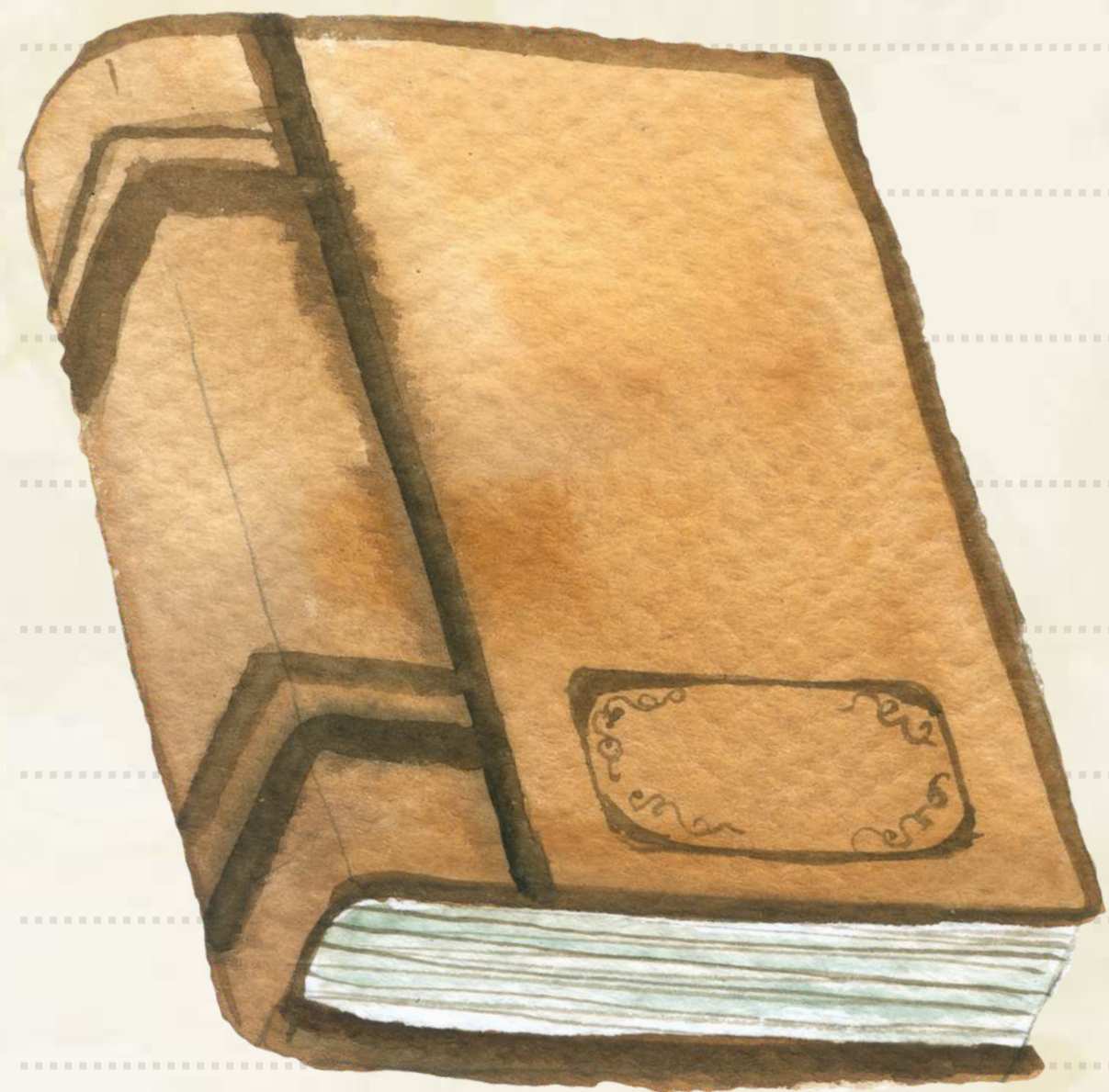




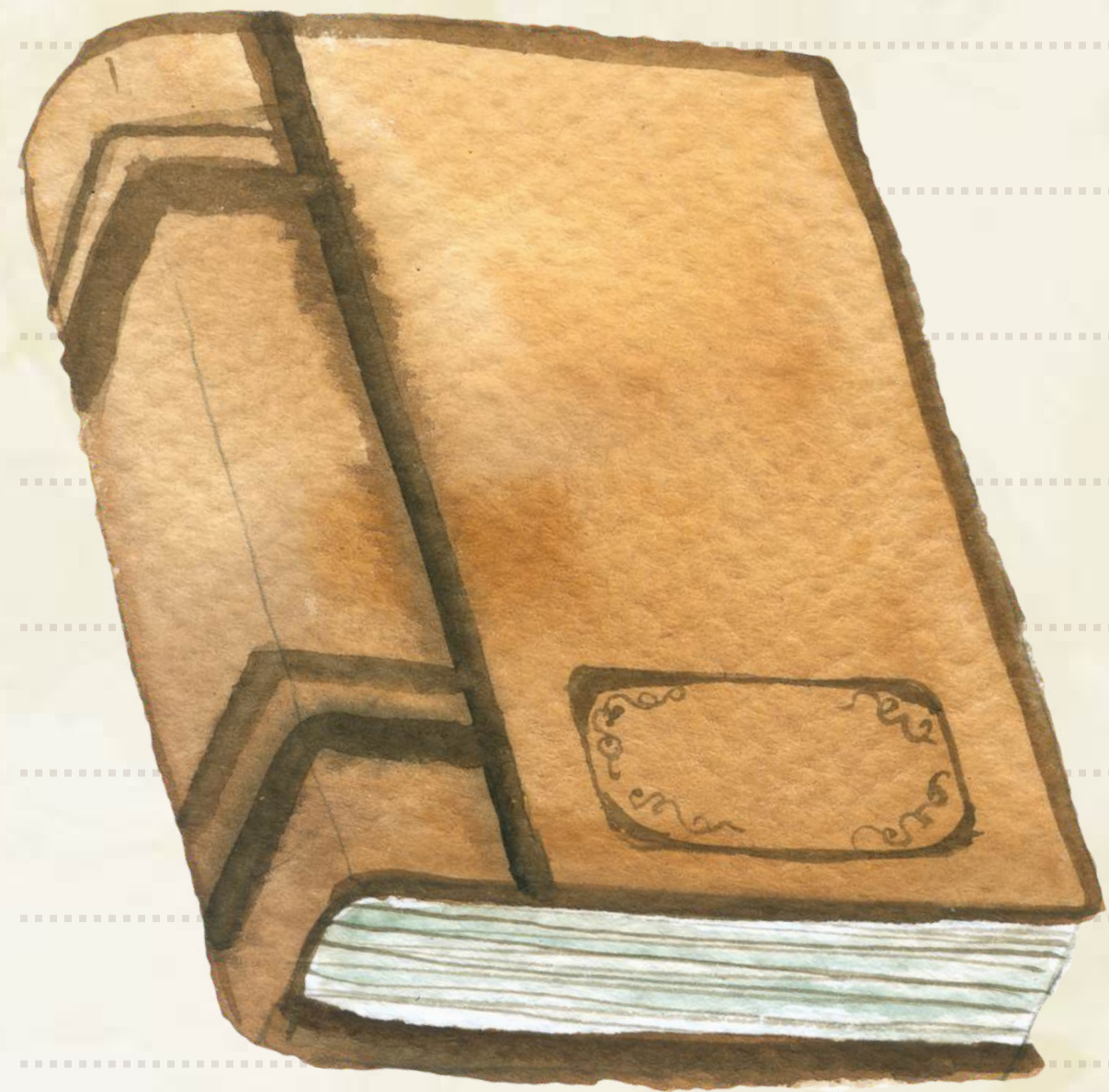
Poesia lírica

Prof. Mariana Klafke



Poesia X prosa

Nossa percepção do que seja poesia começa pelo aspecto visual: sua organização em versos, uma forma mais breve do que o texto em prosa. Um texto em prosa não possui métrica nem rima, e se espalha por toda a extensão da folha. Se pensarmos bem, a prosa é a imensa maioria do material escrito que vemos no dia a dia.



Poesia X prosa

Os versos da poesia são breves por conta de um esforço de síntese expressiva e dos efeitos sugestivos da musicalidade e da regularidade rítmica. Essas características remetem à origem da poesia, relacionada com o acompanhamento musical com a lira, lá na Grécia Antiga.

Fraternidade

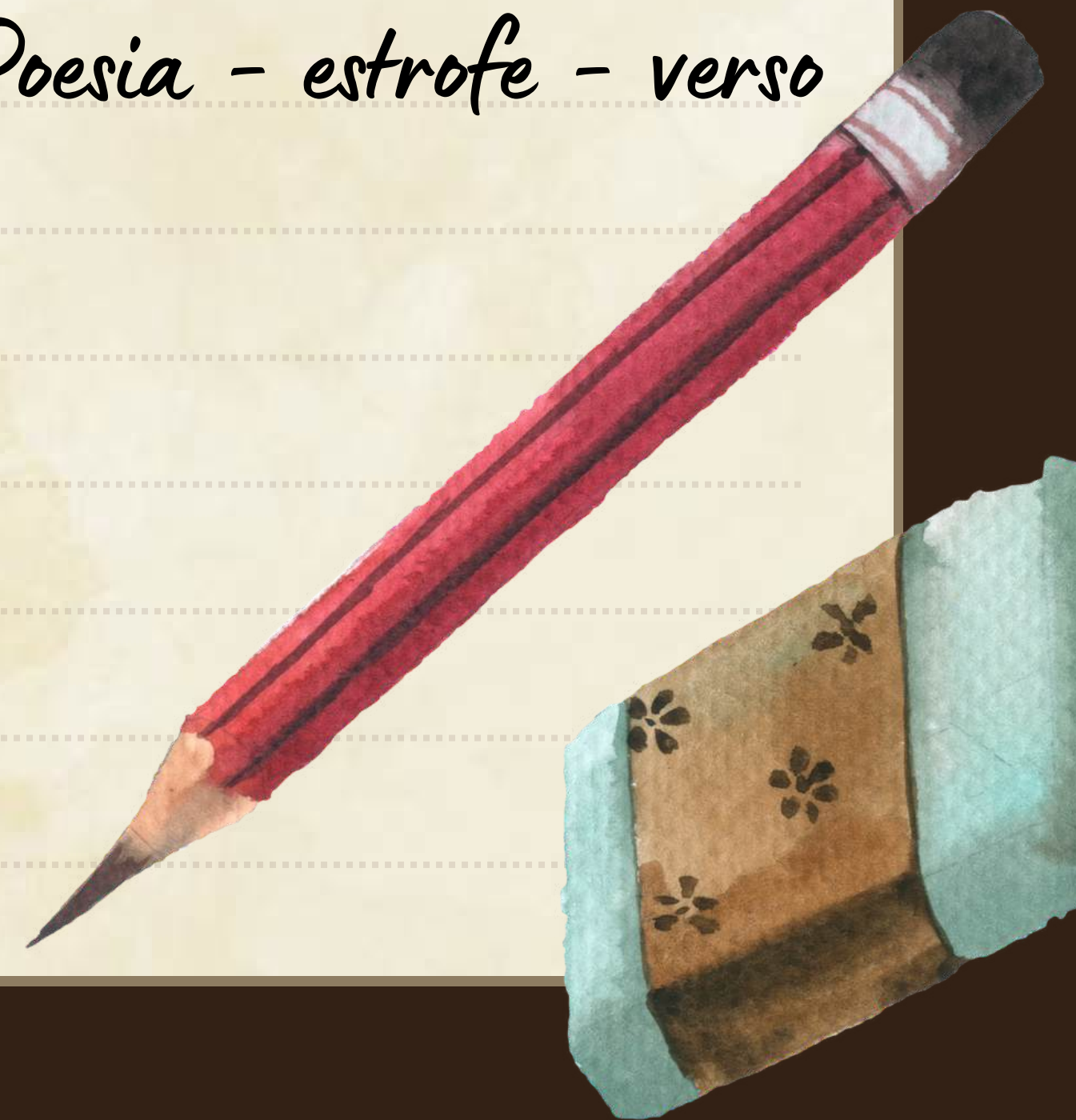
Não me dói nada meu particular.
Peno cilícios da comunidade.
Água dum rio doce, entrei no mar
E salguei-me no sal da imensidade.

Dei o sossego às ondas
Da multidão.
E agora tenho chagas
No coração
É uma angústia secreta.

Mas não podia, lírico poeta,
Ficar, de avena, a exercitar o ouvido,
Longe do mundo e longe do ruído.

(Miguel Torga)

Poesia - estrofe - verso



Fraternidade

Título - nem sempre está presente

Não me dói nada meu particular.
Peno cilícios da comunidade.
Água dum rio doce, entrei no mar
E salguei-me no sal da imensidade.

4 versos

Poesia - estrofe - verso

Dei o sossego às ondas
Da multidão.
E agora tenho chagas
No coração
E uma angústia secreta.

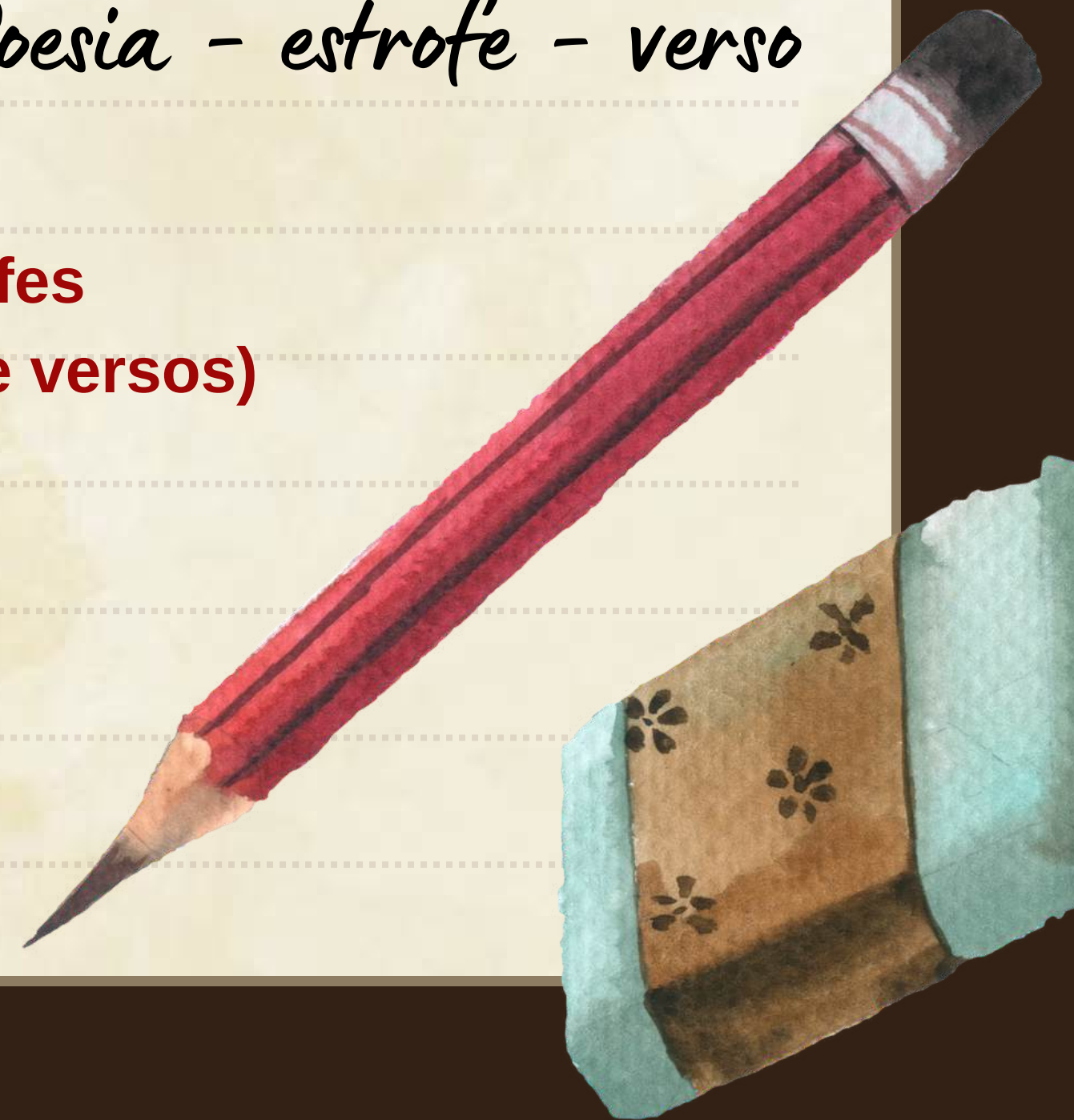
5 versos

**3 estrofes
(conjunto de versos)**

Mas não podia, lírico poeta,
Ficar, de avena, a exercitar o ouvido,
Longe do mundo e longe do ruído.

3 versos

(Miguel Torga)



Fraternidade

Não me dói nada meu particular.
Peno cilícios da comunidade.
Água dum rio doce, entrei no mar
E salguei-me no sal da imensidade.

Dei o sossego às ondas
Da multidão.
E agora tenho chagas
No coração
E uma angústia secreta.

Mas não podia, lírico poeta,
Ficar, de avena, a exercitar o ouvido,
Longe do mundo e longe do ruído.

(Miguel Torga)

Rimas





O verso é uma definição insuficiente

Ainda que a maior parte das poesias apresentem versos em sua forma, esse não é um critério suficiente para definir o gênero lírico. Se escrevêssemos uma receita em forma de poema, nem por isso ela viraria automaticamente poesia. Além disso, há poetas que escrevem poemas em prosa, ou prosa poética, pequenos textos em formato de prosa, mas com evidentes características líricas. Veja:

Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página
ainda em branco. Mas ele, aquela noite, não escreveu
nada. Para quê? Se por ali já havia passado o frêmito
e o mistério da vida... (Mário Quintana)



O verso é uma definição insuficiente

Também temos um **problema histórico** envolvido aí: na **Antiguidade Clássica**, toda literatura (seja dos gêneros épico, lírico ou dramático) era escrita em forma de versos metrificados. Por exemplo, **A Ilíada**, de **Homero**, exemplo clássico do gênero épico, e **Édipo Rei**, de **Sófocles**, exemplo clássico do gênero dramático, foram escritas em versos. Ou seja, a própria definição de literário em sua origem tinha relação direta com o poético e a forma métrica.

Rima

A partir da Idade Média, com a separação da poesia do seu acompanhamento musical obrigatório, a rima torna-se um elemento fundamental da lírica.

A rima reforça aspectos sonoros e musicais dos versos e estabelece certas relações de sentido entre eles. Geralmente as rimas são notáveis no final dos versos, sendo possível perceber formas regulares de apresentação: alternadas (ABAB), emparelhadas (AABBCC), entrelaçadas (ABBA). Mas há também rimas internas aos versos.



Rima

E há nevoentos desencantos
Dos encantos dos pensamentos
Nos santos lentos dos recantos
Dos bentos cantos dos conventos...
Prantos de intentos, lentos, tantos
Que encantam os atentos ventos.

(Fernando Pessoa)



Rima

A presença e a obrigatoriedade de rimas varia muito no decorrer da história da literatura. Certos movimentos literários não exigem ou até mesmo rejeitam a presença de rimas na poesia.

Os poetas do **Arcadismo**, por exemplo, movimento literário do século XVIII, rejeitavam a presença de rima na poesia em uma tentativa de aproximar-se da Antiguidade Clássica, utilizando o **verso branco**. Já no século XX, com os **Modernistas** e muitos autores contemporâneos, tornou-se muito comum o **verso livre** (sem rima e sem métrica fixas).



Consideração do Poema

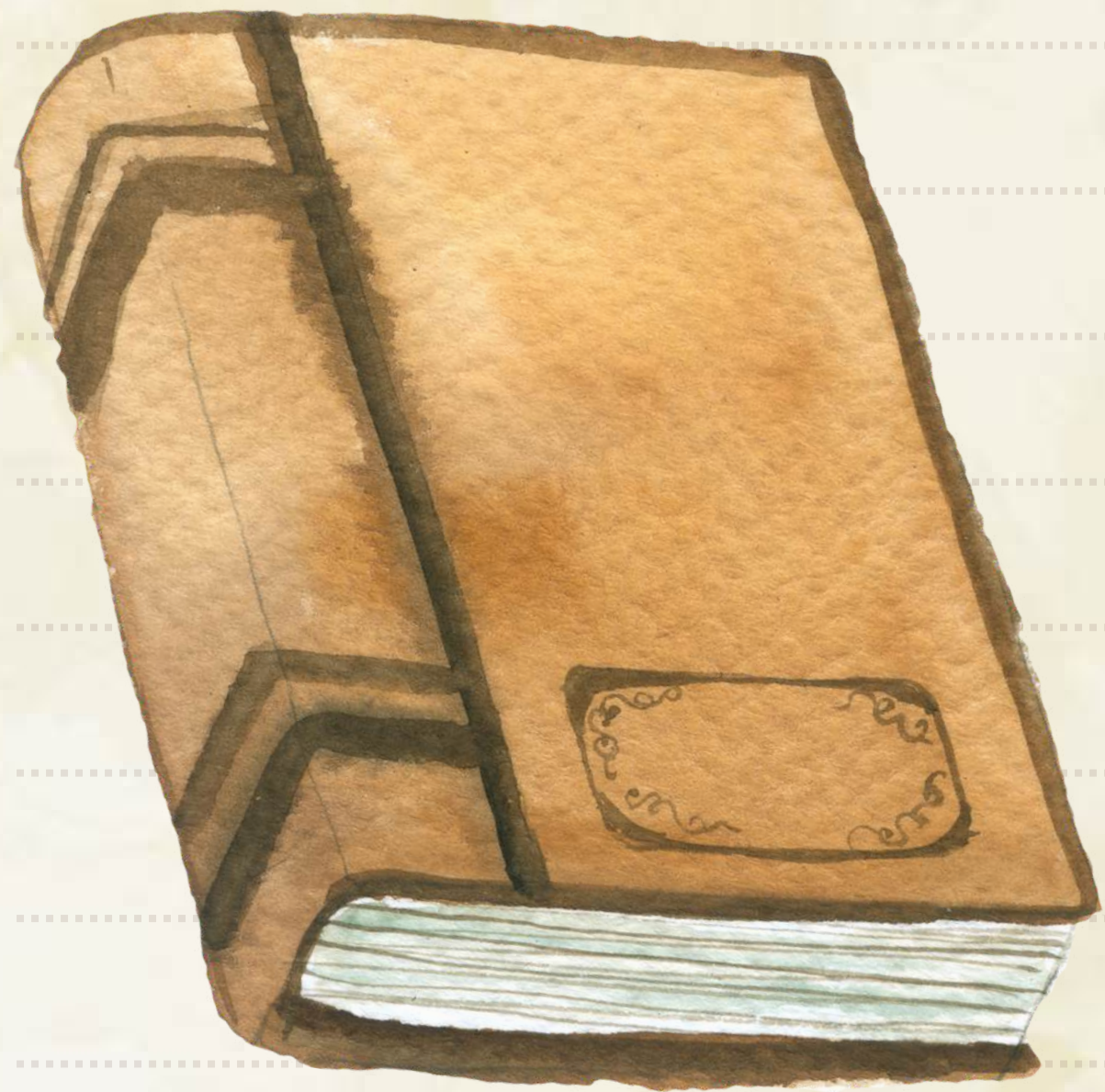
Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.

Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convém.

As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

(Carlos Drummond de Andrade)





Métrica

É a medida de um verso a partir da identificação das sílabas poéticas, que não correspondem exatamente a uma sílaba gramatical. A divisão silábica de um verso leva em conta a emissão de som do verso como um todo e só contamos até a última sílaba tônica, dispensando as sílabas seguintes.

Essa mulher que a cada amor proclama
A miséria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela

Es / sa / mu / lher / que a / ca / da a / mor / pro / cla [ma]
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A / mi / sé / ria e a / gran / de / za / de / quem / a [ma]
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

E / guar / da a / mar / ca / dos / meus / den / tes / ne [la]
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10


Escansão de estrofe do Soneto de Devoção, de Vinícius de Moraes



Subjetividade

Por centrar-se na subjetividade, o gênero lírico opõe-se ao gênero épico, que está centrado no mundo exterior e na objetividade. Se a épica é a narração do mundo exterior, a lírica é a expressão do mundo interno.


Na Antiguidade Clássica, se considerava que essa manifestação do mundo interior devia se dar através do canto suave e poderia não só expressar como causar emoções.



Eu lírico e subjetividade

Como vimos também na aula anterior, mas é importante reforçar, a poesia apresenta uma voz que chamamos de eu lírico e não deve ser confundida com a pessoa concreta que é o autor.

O eu lírico é um dispositivo literário da poesia, assim como nas narrativas temos o narrador, que também não é o autor como pessoa empírica.



O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Autopsicografia
(Fernando
Pessoa)

A linguagem da poesia

- Esmero formal
- Ritmo e musicalidade
- Efeitos sugestivos e simbólicos das palavras
- Unidade de efeito harmônico
- Precisão vocabular (busca da palavra exata)
- Disposição específica das palavras no verso
- Imagens poéticas
- Uso marcante de figuras de linguagem

A literatura se faz com palavras!





Resumindo uma tentativa de definição...

O gênero lírico é aquele que apresenta obras de extensão breve, normalmente de dimensão subjetiva e de intensa emotividade, escritas em versos caracterizados pelos efeitos rítmicos e sonoros, bem como por uma linguagem original, inesperada e sugestiva, no mais das vezes centrada em imagens, que têm como objetivo último despertar a emoção no ouvinte ou no leitor.

(Sergius Gonzaga)



Algumas formas fixas: soneto

É um pequeno poema de forma fixa originado no século XIII, composto por 14 versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos. Essa forma foi criada por Giacomo da Lentini e utilizada pelos poetas mais importantes do Renascimento, como Dante Alighieri e Petrarca. O soneto é uma forma muito utilizada até os dias de hoje e sua estrutura fixa desafia o poeta. Os versos precisam ser metrificados e rimados. Em sua versão clássica, todos os versos são decassílabos (chamados de alexandrinos).



Soneto de fidelidade, do poeta Vinicius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.



Versos Íntimos, de Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!



Algumas formas fixas: haikai

É um poema mínimo, de origem japonesa, que procura captar com precisão e simplicidade um momento da natureza e o passar do tempo. Está intimamente ligado ao zen-budismo, procurando expressar uma observação tranquila das mudanças com profunda aceitação. O termo vem do japonês haikai, composto pelos vocábulos “hai” (brincadeira, gracejo) e “kai” (harmonia, realização). A ideia é despertar uma emoção estética a partir de uma sugestão breve, feita em três versos curtos que totalizam 17 sílabas poéticas.



O azeite de minha lâmpada
consumido. Na noite,
pela minha janela, a lua.

(Bashô, 1644 - 1694, o maior
nome do haikai no Japão)

Esta vida é uma viagem
pena eu estar
só de passagem.

(Paulo Leminski, 1944 - 1989,
poeta marginal brasileiro)

Referências

DE NICOLA, José. Painel da literatura em língua portuguesa: Brasil. Portugal, África. São Paulo: Scipione, 2011.

GONZAGA, Sergius. Curso de Literatura Brasileira. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

